

O PASQUIM: UM JORNAL QUE SÓ DIZ A VERDADE QUANDO ESTÁ SEM IMAGINAÇÃO (1969-1991)*

Andréa Cristina de Barros Queiroz **

RESUMO

O Pasquim foi um jornal da imprensa alternativa, que se opôs à ditadura brasileira pela crítica dos costumes, inspirado na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre. O seu êxito estava relacionado a sua linguagem, que conjugou política e humor.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura, imprensa alternativa, humor.

ABSTRACT

An underground press newspaper, *O Pasquim* opposed the Brazilian dictatorship through customs criticism, inspired by the French philosopher Jean-Paul Sartre's existentialism. Its success was connected with its language, which linked politics to humor.

KEYWORDS: dictatorship, underground press, humor.

* Este trabalho faz parte do estudo que desenvolvo na minha dissertação de mestrado em História Social na Universidade Federal Fluminense. A minha pesquisa refere-se à história do *Pasquim*, jornal da imprensa alternativa que foi criado em 1969, e seu último número foi às bancas em 1991.

** Mestranda em História Social na Universidade Federal Fluminense.

1 - Oposição à ditadura

Com a radicalização da repressão, com o AI-5 em 1968, a ditadura jogou por terra qualquer possibilidade de diálogo com a sociedade civil. Sindicatos, partidos, movimentos sociais autônomos e a imprensa foram esvaziados.

À truculência da ditadura, opuseram-se as esquerdas em seus vários matizes, desde os que acreditavam na via institucional como forma de retorno ao Estado de direito até aqueles que defenderam a luta armada. Embora a crença nesta forma de luta não tenha surgido nas esquerdas brasileiras, neste momento, a partir do AI-5, as organizações de vanguarda, surgidas desde 1961, foram capazes de atrair um maior número de militantes.

A estratégia das organizações que defenderam a luta armada e a colocaram em prática não tinha como intenção a volta ao regime democrático e institucional anterior ao golpe, mas sim a construção de um outro regime baseado em valores e referências essencialmente diferentes daqueles. Assim, não se tratava exatamente de uma forma de resistência ao regime, embora a reconstrução de sua memória parta, sobretudo, deste pressuposto.

Deixando de lado as opções revolucionárias que iam, portanto, além do caráter de resistência, houve inúmeros caminhos de atuação no campo da defesa da ordem democrática.

É neste contexto que, durante a ditadura foram criados por volta de 150 periódicos que, em meio às suas especificidades, tinham um traço comum: a oposição intransigente ao regime. Tais periódicos ficaram conhecidos como *imprensa alternativa*.

2 - A imprensa alternativa

De acordo com Bernardo Kucinski¹, a palavra *alternativa* possuía quatro significados essenciais: o de algo que não estava

¹ Sobre imprensa alternativa, a síntese que se segue está baseada em KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo, Scritta Editorial, 1991.

ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo que as gerações dos anos 1960 e 1970 tinham de protagonizarem as transformações sociais.

A imprensa alternativa surgiu da articulação destas forças no momento em que jornalistas e intelectuais buscavam espaços alternativos à grande imprensa e à universidade.

Cabe ressaltar que, em contraste às relações da grande imprensa com a ditadura, muitas vezes, marcadas pelo apoio, pela cumplicidade e/ou pela omissão, os jornais alternativos denunciaram sistematicamente as torturas e violações dos direitos humanos; faziam, ainda, crítica ao modelo econômico.

Nas estruturas de poder da imprensa alternativa havia uma forte inspiração gramsciana, entendendo os jornais como entidades autônomas, com o principal propósito de contribuir para a formação de uma “consciência crítica nacional”. Assim, acabaram por criar um espaço público alternativo.

À medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos.

É importante mencionar que havia duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente, políticos como o *Opinião* e o *Movimento*, tinham raízes nos ideais de valorização do ideário nacional-popular dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis dos anos 1960. Em geral, os jornais alternativos políticos caracterizavam-se por um perfil pedagógico e, num certo sentido, dogmático. Foram os únicos, em toda imprensa brasileira, que denunciaram os problemas do crescente endividamento externo do Brasil, ainda em 1973, e o agravamento das tensões sociais. Além, disto, discutiram os temas clássicos das esquerdas, sobretudo, o dos caminhos da revolução brasileira.

A outra classe de jornais foi criada por jornalistas que passaram a rejeitar a primazia do discurso ideológico. Estavam mais voltados para a crítica dos costumes e para a ruptura cultural norte-americana. Tinham como referência o existencialismo de Jean-Paul Sartre, o anarquismo e as religiões orientais: hinduísmo e

zen budismo. O objetivo era abordar o autoritarismo pela ótica da crítica dos costumes e do moralismo da classe média. Na verdade, os seus idealizadores e colaboradores, como destacou Bernardo Kucinski, haviam adotado o existencialismo mais como fuga instintiva do dogmatismo das esquerdas, e da própria realidade opressiva, do que como adesão a uma nova acepção de ser. Num certo sentido, eles não chegavam a criticar a cultura estabelecida das esquerdas, mas não a adotavam mais como filosofia de vida.

No universo dos jornais alternativos de base filosófica existencialista, destaca-se o *Pasquim*. Através do humor, criticou paradigmas e enfrentou os tabus da moral vigente – liberação sexual, entre outros temas foram levantados e discutidos, suscitando escândalos e provocando reações apaixonadas. Divulgou no Brasil temáticas da contracultura e da busca de novos modos de percepção através das drogas. As entrevistas do *Pasquim* tornaram-se a tribuna livre das vozes de oposição ao regime, o espaço para a manifestação de intelectuais, artistas e políticos. O humor foi, então, o veículo através do qual se viabilizou esta opção, que, de uma característica pessoal dos jornalistas do *Pasquim*, tornou-se um elemento de identificação com o público, ou seja, realizando-se numa relação coletiva.

Uma das características dessa imprensa, em especial do *Pasquim*, era o seu caráter marcadamente não empresarial, que tem como corolário a insolvência financeira e a ausência da tradicional hierarquia das redações dos grandes veículos – dos quais muitos dos fundadores de jornais e revistas são originários. Além disso, os jornais alternativos tinham, até certo ponto, um pequeno alcance, pois estavam impossibilitados financeiramente de editar um número grande de exemplares, prejudicados por não possuírem uma estrutura própria de distribuição ou, simplesmente, por não serem aceitos por jornaleiros temerosos de ataques às suas bancas de jornal. Mesmo enfrentando todas estas dificuldades, o *Pasquim* tornou-se o jornal alternativo mais vendido, chegando a mais de 200 mil exemplares.

3 - O Pasquim e os anos 70

O *Pasquim* era representado com uma série de especificidades que compunham suas páginas. Estas reunidas caracterizavam o jornal com uma originalidade tamanha, a qual provocou uma imagem do periódico, enquanto marco do jornalismo no Brasil. Para Paulo Francis, *o Pasquim mudou o estilo da imprensa brasileira, completando a revolução iniciada pelo Diário Carioca e o Jornal do Brasil*.²

O semanário modificou a linguagem jornalística ao reproduzir na linguagem escrita a linguagem oral, e isso acabou por influenciar a propaganda, como também transformando a linguagem coloquial. Fez uso de palavrões, os quais estavam disfarçados através de neologismos, que daí em diante poderiam ser falados, publicados e (re)interpretados. Como: *pô*, *putsgrila*, *paca*, entre outros. Para Rivaldo Chinem *foi uma gargalhada só, de Ipanema para todo o Brasil. O Pasquim lançou vários neologismos como putsgrila, sifu, top-top, sacumé*.³

Os próprios censores eram observados sobre a ótica desta nova linguagem, tornaram-se conhecidos como *a turma do pilot*. Esta referia-se ao tipo de caneta-tinteiro que os censores utilizavam para marcar com X as matérias vetadas.

O uso destes cognatos, além de afetar a moral da sociedade, sobretudo das classes médias, afetava também o regime como um todo, pois, através de subterfúgios, a censura imposta pela ditadura a favor da própria moralidade estava sendo driblada.

O discurso humorístico seria visto como aliado, uma poderosa arma a favor, pelo menos essa era a versão que se estabelecia em torno dos intelectuais pasquinianos. A ruptura da linguagem e a invenção de um novo paradigma textual, baseados nas artes visuais, foram detalhados por Millor Fernandes, na crônica: *Uma*

² Entrevista do *Pasquim* n° 500. Esta revolução a qual se refere a citação é a reforma Jânio de Freitas.

³ CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática 1995, p. 44.

senhora efeméride. O cronista destacaria, de forma satírica, o abalo moral que o jornal produziu por ter libertado a linguagem escrita e falada da República:

*Hoje, por exemplo, nesta fase, posso escrever indiferentemente, 'uma senhora efeméride' ou 'uma puta efeméride'. O Pasquim acabou com a diferença de classe entre puta e senhora. Como adjetivos, claro. Com relação aos substantivos o jornal é altamente conservador.*⁴

Sobre esta observação podemos entender que o periódico, apesar de ter rompido com alguns paradigmas sociais, ainda mantinha um discurso conservador, principalmente, no que diz respeito ao papel das mulheres e ao dos homossexuais na sociedade.

4 - Geração Pasquim

O *Pasquim* foi um marco e gerador de profundas transformações, em virtude, não só de suas influências nos meios de comunicação, como também no cotidiano da sociedade, que introjetou a nova *fala pasquiniana*. E, diante desta afirmação, é importante salientar que todos aqueles que fizeram parte do periódico, colaboradores ou leitores, marcaram a história do jornalismo no Brasil como a *geração Pasquim*. Este conceito de geração deve ser desenvolvido aqui a fim de explicar as especificidades do jornal. Com isto procuro ressaltar o trabalho de Jean François Sirinelli, o qual está baseado em Jean Luchaire (1933). Para Sirinelli *uma geração é uma reunião de homens marcados por um grande*

⁴ FERNANDES, Millôr. The end ou A despedida que não fiz. *Pasquim*, nº 521, de 22 a 28/06/1979, p. 40-41. Como se sabe, o cronista sairia do jornal depois da apreensão do nº 300 em que no editorial faria algumas considerações apoteóticas. Sobre este episódio, a sessão "Dicas" traria um comentário de Jaguar sobre a crônica de Millôr acima citada: "Obrigado, Millôr, por ter explicado aos leitores a razão da sua saída do jornal em 75, logo depois da apreensão do nº 300. Durante estes quatro anos cansei de ser acusado pelos patrulheiros ideológicos da orla marítima de ter negociado tua cabeça com Armando Falcão".

*evento ou uma série de grande eventos. Desta vivência comum, são gestados o que se chamou de efeitos da idade, capazes de produzir os fenômenos de geração.*⁵

De acordo com o autor, os efeitos de idade não são resultados mecânicos das relações entre as classes de idade, mas uma gênese que tem nascimento, uma existência e um crepúsculo. Mas para que este fenômeno ocorra é necessário uma forte amplitude deste, atingindo outras classes de idade. Contudo, mesmo que possa marcar toda uma sociedade, este evento será, ao mesmo tempo, gerador de uma classe de idade nova. Uma vez surgida, a geração segue através do tempo, ao ritmo de seus membros. A ditadura civil-militar e seus mecanismos de perpetuação podem ser compreendidos como este grande evento. E, em virtude da impossibilidade de liberdade de expressão, o *Pasquim*, a fim de se manifestar e resistir ao cerceamento que o era imposto, transformou as linguagens jornalísticas, criando assim, a *geração Pasquim*. Podemos perceber esta transformação através da frase de Rivaldo Chinem: *Não há jornal brasileiro importante que não tenha sido influenciado pelo idioma do Pasquim, direta ou indiretamente.*⁶

É interessante destacar que como imprensa alternativa, o *Pasquim* também abriu espaço para o diálogo com jovens cartunistas. Jaguar lembraria que quando o jornal foi lançado, *só existia meia-dúzia de desenhistas de humor no Brasil*, a abertura para o surgimento dos novos estaria difícil e o mercado completamente fechado. Jaguar afirmou: *nestes anos já lançamos dezenas de desenhistas, a maioria vive, ou sobrevive, profissionalmente do cartum.*⁷

A fim de compreendermos esta *geração Pasquim* faz-se necessário ressaltar que, o que periódico tem de especial, é na verdade o próprio jornal como um todo, ou seja, é a reunião de todas as suas especificidades que originam a sua dinâmica. Assim, é preciso destacar suas estruturas interna e externa.

⁵ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 255.

⁶ CHINEM, R., op. cit., p. 45.

⁷ Jaguar no *Pasquim*. n° 521, de 22 a 28/06/1979. p. 3.

Nas estruturas internas, havia a ação dos colaboradores, a qual distinguia o hebdomadário como um jornal de nomes. Era a *personalidade* de cada autor que simbolizava o estilo do *Pasquim*, existia no semanário uma subjetividade.

A organização dos jornalistas sob a forma de *patota*, caracterizava a *pluralidade* do jornal, provocando outras de suas especificidades: a oralidade e a sátira. Aliado a estes matizes, encontrava-se o humor, seja em texto escrito, seja sob a forma de cartuns, caricaturas, fotografias, ilustrações ou charges. Por fim, havia os leitores que estabeleceram uma relação afetiva com o jornal, o que provocava uma integração e participação destes com o periódico. Nas estruturas externas percebemos o contexto político, social e cultural que acaba norteadando o jornal.

4.1 - Patota, personalidade e pluralidade

A primeira especificidade do *Pasquim* é a sua organização em *patota*, ou seja, a sua produção é construída sem uma pauta. Assim, como já foi observado por José Luiz Braga, o jornal é idiossincrático: cada colaborador traria uma contribuição inteiramente pessoal e independente, sem obedecer a nenhum plano. O jornal seria a soma dessas contribuições. Na *patota* havia uma dialética entre o indivíduo e a pessoa.

Outra especificidade a ser ressaltada sobre o *Pasquim* é a *personalidade*. No jornal, cada autor marca sua individualidade no texto. De um modo geral os jornais costumam, através dos manuais de redação ou do copidesque, gerar uma média de escrita que os caracteriza. O *Pasquim* evitava esta aparente neutralidade formal. As padronizações na imprensa têm a função de fazer acreditar numa suposta visão objetiva da realidade: *se todos escrevem igual, todos vêem igual*.⁸ Ou seja, a visão parece neutra e objetiva. Já no *Pasquim*, cada autor tinha o seu estilo pessoal

⁸ BRAGA, José Luís. *O Pasquim e os anos 70: mais para epa que pra oba*. Brasília: Editora da UnB, 1991, p. 128.

de escrita, todos eram subjetivos e impregnavam de personalidade o texto, isto era uma marca de sua influência existencialista.

Uma relação desta personalidade era caracterizá-lo como um jornal de nomes. Era a autoria que sustentava a veracidade do fato e o valor da opinião emitida, assim a identidade do autor passava a ser título principal do artigo. É neste sentido que *O Pasquim* diferia da concepção liberal-burguesa dos grandes jornais, a qual o nome do redator tinha menos importância do que o fato relatado, ou seja, a informação pretendia ser objetiva. *O Pasquim* ao contrário, jamais se pretendeu objetivo, sendo este um dos aspectos de seu funcionamento como *jornal visceral*.⁹

Lembramos que as páginas da seção *Dicas* no jornal funcionavam como uma praça pública: ponto de encontro de idéias, opiniões e informação, espaço de troca pessoal, de cumplicidade, de polêmica e desacordo. Ela se tornou um elemento essencial de debate considerando o cerceamento do regime.

A terceira especificidade do *Pasquim* refere-se à *pluralidade*. As bases da pluralidade interna na opinião pasquiniana podem ser encontradas, sobretudo, em três características do jornal.

A priori, *O Pasquim* se apresentava como uma fonte de oposição ao regime e à sociedade preconizada por ele. Cabe ressaltar que em decorrência das proibições e controles impostos pela ditadura, diversos setores de opinião antes distintos em seu modo de expressão perderam seus espaços de manifestação. Desse modo, o *Pasquim* tornou-se um dos poucos espaços abertos a essa diversidade de opiniões críticas. Como observou José Luís Braga, as diferenças internas tendem a se aproximar para garantir uma coexistência.

Uma segunda característica do periódico que contribuiu para estruturar as modulações pasquinianas foi a própria concepção de *patota*. Assim lembramos que a relação dialética entre indivíduo e pessoa, com suas forças de atração e de conflito, dentro desta estrutura determinava uma solidariedade entre as idéias,

⁹ BRAGA, J. L., op. cit., p. 129.

mesmo diversas; e ao mesmo tempo, possibilitavam a manifestação da diferença, do debate e até o conflito.

Este cenário plural gerou um equilíbrio tenso. Como afirmou Jean François Sirinelli, *uma geração não é um lugar de monocultura política: em seu seio coexistem temperamentos e sensibilidades políticas diversas*.¹⁰

4.2 - Oralidade

Um dos pontos altos do *Pasquim* era a sua oralidade. A influência do verbal-falado, que se manifestava diretamente segundo cada colaborador. Deve-se ressaltar que a oralidade do *Pasquim* não era simplesmente transcrever os modos pelos quais se falava. Pelo contrário, a intenção desta oralidade era a recusa de uma escrita carregada de chavões e de rigidez na construção. Na verdade, correspondia à procura, através de diferentes estilos pessoais, de uma expressividade, de uma eficácia informativa que geralmente é adota na língua falada, isto ocorre quando não existe a preocupação com formulações e sim com a comunicação pretendida. Dessa forma, não eram as estruturas da fala que eram reproduzidas no semanário, mas a sua expressividade, sua subjetividade.

A transformação da linguagem jornalística promovida pelo *Pasquim* pode ser percebida diante de dois aspectos: diretamente na escrita dos seus colaboradores; e tematicamente, através de artigos críticos e de um trabalho humorístico de investida contra chavões.

Dessa forma, esta oralidade conduziu a um trabalho direto sobre a palavra. À guisa de conhecimento é importante dizer que o jornal cria expressões como: *negó seguinte*; propõe terminações em “im” substituindo o “inho” como: *Fradim, baixim*; inventa pa-

¹⁰ Citado por ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1999, p. 49.

lavrões, como: *duca* e *sifo*, entre outras expressões

As páginas do *Pasquim* estavam recheadas desta oralidade, em todos os sentidos, seja nos artigos, seja nos desenhos, e até mesmo na publicidade. Para tanto, devemos exemplificar melhor tal oralidade, e assim sendo, podemos citar as *entrevistas do Pasquim*. Uma vez que o estilo pasquiniano de entrevista foi uma das já mencionadas transformações da linguagem jornalística, que marcou época no país.

No *Pasquim* as entrevistas eram feitas por um grande número de entrevistadores, ou seja, pela *patota*, a fim de estabelecer um espaço conversacional difuso, como numa conversa descontraída. Dessa maneira, a unidade pergunta/resposta perdia a rigidez e se diluía numa troca mais variada, em que os entrevistadores não só faziam questões a serem respondidas, mas também exprimiam opiniões e desacordos conforme a *personalidade* de cada um. Havia uma diminuição do rigor na construção do assunto, ocorrendo um envolvimento psicológico, como um bate-papo que estimula o entrevistado a se expor.

Um outro aspecto que trouxe esta oralidade para as entrevistas foi a utilização do gravador. Os colaboradores não faziam o copidesque das entrevistas, já que este eliminava as marcas mais evidentes da oralidade. Sabe-se que alguns dos motivos para o não uso do copidesque estava relacionado à falta de tempo, à preguiça e ainda a uma opção dos colaboradores, que desde a primeira entrevista com Ibrahim Sued não o haviam utilizado.

Com isto, a transcrição das gravações mantinha as características da língua falada. Assim, o texto incluía as hesitações e descontinuidades próprias da conversa solta, bem como as escolhas de expressões. Como no caso de substituir os palavrões por asteriscos, como ocorreu na entrevista de Leila Diniz¹¹, recurso este utilizado, a fim de se respeitar a oralidade da entrevista dentro de um impedimento pela censura de publicar palavrões.

¹¹ Entrevista do *Pasquim* n° 22.

4.4 - O leitor

A abertura de um espaço para a fala do leitor no hebdomadário estava associada a uma visão do jornal como veiculador da “opinião pública”. Assim, esta opinião, além de passar pelos canais seletores e organizadores que constituem a imprensa, teria a oportunidade de se manifestar diretamente por correspondência publicada.

Podemos perceber que o leitor usava o *Pasquim* como tema, adotava o estilo pasquiniano de escrita em sua fala, envolvia-se afetivamente, ou o rejeitava. Com isto, o leitor foi desenvolvendo seu senso crítico junto com o jornal e acabou voltando esse senso sobre o próprio *Pasquim*. *A presença do leitor no Pasquim é avassaladora.*¹²

Cabe ressaltar a criação de um espaço ficcional dentro da seção cartas, onde Ivan Lessa “canabalizava” o leitor, analisando satiricamente o próprio conceito de opinião pública que se manifestava por cartas. Ele trabalhou a idéia de sinceridade dos jornais que publicavam correspondência fazendo crer que exprimem a voz da sociedade.

No centro deste espaço ficcional idealizado por Lessa, o pseudônimo/personagem Edélsio Tavares criou seus próprios interlocutores, gerando novos personagens, Marly Tavares, Caldas Marombão, com os quais dialogava. A importância desta interlocução fictícia era a de expressar a crítica de um fato social.

4.5 - Humor

O *Pasquim* utilizou as implicações humorísticas como um mecanismo de se fazer entender diante da censura. Lembrando que havia uma diversidade de técnicas humorísticas, no traço e no texto, que variavam de acordo com a personalidade de cada autor.

Podemos perceber que o humor do jornal não era sutil, ao contrário, era um tanto quanto agressivo. Uma vez que pela impos-

¹² KUCINSKI, B., op. cit., p. 158.

sibilidade de atacar abertamente o regime, tratou de ridicularizar uma gama de fatos sociais que caracterizavam a lógica do sistema, tais como: a moral e os costumes da classe média, os problemas urbanos, os atos de pessoas não diretamente protegidas pelas regras do regime, mas favoráveis a elas, entre outros.

O riso do jornal podia ser percebido na ação humorística “direta”, mais facilmente desvendável. E, a “indireta”, na qual destacamos as entrelinhas que, uma vez intuídas pelo leitor, provocavam com o mesmo efeito o riso, mas de desforra, e cumpriam, como disse Braga, a tendência desnudadora e agressiva do humor pasquiniano.

Portanto, *O Pasquim* trabalhou de um lado com o explícito, que era o assunto mesmo tratado; de outro lado, o implícito, que era a aplicação de raciocínios elaborados, por similaridades ou contrastes, a situações provocadas pelo regime brasileiro. Não podendo exprimir uma argumentação direta contra o sistema, os artigos analisavam, criticavam e combatiam a sua lógica através do implícito. Como no caso do *internacionalismo do Pasquim* que sempre tinha no horizonte exterior uma entrelinha aberta para o caso brasileiro: o problema das ditaduras na América Latina; as análises de redemocratização portuguesa e espanhola; entre outros assuntos.

Segundo José Luiz Braga, a sátira agressiva, o humor apaziguador e a afirmação do princípio do prazer seriam as *três notações do humor pasquiniano*, cuja integração conseguiria *produzir um riso popular, no sentido proposto por M. Bakhtin*.¹³

Para Bakhtin, o riso popular, por ser ambivalente expressaria uma opinião sobre o mundo, no qual os que riem estariam incluídos. O riso popular seria a imagem do riso carnavalesco, antes de mais nada, *um riso festivo e universal*.¹⁴

Mas este não seria o caso do humor pasquiniano. Seria mais prudente creditar aos cronistas e caricaturistas, que se oporiam

¹³ BRAGA, J. L., op. cit., p. 202-205.

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 10.

ao moralismo da ditadura e aos censores formais e informais, a condição de intelectuais que descreviam o *comportamento das pessoas reais ou imaginárias de modo humorístico*, conforme sugeriu Freud. Assim, estas próprias pessoas representadas não precisariam demonstrar humor algum, seriam elas, censores e representantes do regime. Ora, a atitude humorística do escritor, narrador ou cartunista, na observação de Freud, interessaria à *pessoa que a está tomando como seu objeto* e, sob tais circunstâncias, o leitor, ouvinte ou aquele que olharia a imagem *partilha da fruição do humor*.¹⁵

Como exemplo emblemático deste humor podemos citar o *Pensamentão*, produção de Millôr Fernandes que através do humor, critica duas realidades brasileiras, a censura e o analfabetismo. *Estranho que num país com mais de 60 % de analfabetos o poder público esteja tão preocupado com o que dizem meia-dúzia de escritores*.¹⁶

Através da análise das diversas linguagens dos cronistas e chargistas, podemos encontrar uma hipótese de uma tradição, ou melhor de um costume enraizado no humorismo republicano: ridicularizar os governantes, debochar da sociedade, especialmente das crenças da classe média, e ironizar as práticas culturais populares, num iniludível olhar intelectualista. Costume este, na acepção de Thompson, não como posterior a algo, mas como ambiência, mentalidade, com *um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa*.¹⁷

Foi preciso recorrer à expressão de Thompson, para afirmar que a ambiência, mesmo a mais adversa de todas – o cárcere,

¹⁵ FREUD, Sigmund. *O Humor*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, (obras completas, v. 21), p. 189. Em obras anteriores, Freud demonstra que a caricatura, a paródia, a sátira e o travessismo, assim como o desmascaramento, “dirigem-se contra pessoas e objetos que reivindicam autoridade e respeito” e que são, ou querem ser, em algum sentido, “sublimes e eminentes”. Ver FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, (obras completas, v. 8), p. 227.

¹⁶ FERNANDES, M. *Pensamentão*. *O Pasquim* n° 233.

¹⁷ THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. 1ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 90.

seria um dos elementos vitais para o fomento de uma identidade. Assim, quando da prisão de boa parte da equipe do *Pasquim*,¹⁸ no final de 1970, os que conseguiram permanecer soltos carnalizaram os porões da ditadura e escreveram: *uma coisa é certa: lá dentro deve estar mais engraçado do que aqui fora*.

Cabe ressaltar que após o episódio da prisão, ficou claro para os jornalistas do *Pasquim* que não era mais possível “brincar” com a ditadura sem receber alguma retaliação. Contudo, nem por isso o jornal ficou menos engraçado ou criativo. Ao contrário, a imaginação dos colaboradores passou a ser solicitada de forma aguda para driblar a censura, *para sugerir, implicitar, subtender, entrelinhar*.¹⁹ Havia uma cumplicidade dos colaboradores para criar e dos leitores para entender.

Para os pasquinianos, além dos militares truculentos e “inábéis no trato da coisa pública vindos da caserna”, o que também se pronunciou como abjeto diante dos graves traumas políticos foi a expressão intelectual de uma direita, adjetivada como reacionária, oportunista e insensível ao desmantelamento da democracia republicana.

Por seu temperamento irascível, irônico e anticomunista, os pasquinianos elegeriam Nelson Rodrigues como a direita intelectual em carne e osso. Neste sentido, como os membros do governo não podiam ser criticados explicitamente, o jeito foi satirizar aqueles que eram favoráveis ao regime. Por isso, a figura de Nelson Rodrigues visitava, constantemente, as páginas do jornal.

A imagem destes intelectuais do humor estaria no *Pasquim*, distante da caricatura do personagem popular, ingênuo e curioso espectador da história. A trajetória deles seria representada como de combate e resistência aos valores e aos poderes instituídos e instituintes. O próprio Millôr Fernandes, ao definir *O Pasquim* deu-lhe virtudes mais intelectualistas e vanguardistas do que populares:

¹⁸ Foram presos no dia 1º de novembro de 1970 José Grossi, Zivaldo, Paulo Garcez, Fortuna, Luís Carlos Maciel. Prenderam em casa Paulo Francis. Depois prenderam Jaguar, Sérgio Cabral e Tarso de Castro.

¹⁹ KUCINSKI, B., op. cit., p. 166.

*Pernóstico, iconoclástico, blaterante, gentil e grosso, sensual, incapaz, agnóstico, restrito e abrangente, escrito em linguagem extremamente popular – só que, em algumas vezes, popular da Inglaterra – provinciano por escolha, ecumênico por destino, nosso jornal, como o do cavalo bêbado, marcha resolutamente em todas as direções ao mesmo tempo.*²⁰

5 - O mundo simbólico

A referência do simbólico no *Pasquim* era de suma importância, já que os temas tinham de ser discutidos através de subentendidos. O simbólico aparecia no jornal tanto nos textos quanto nos traços, através do aspecto lúdico. Os símbolos do jornal eram trabalhados a partir do imaginário daquela sociedade, ou seja, na própria lógica pasquiniana da quebra dos paradigmas. Para Umberto Eco, representar iconicamente um objeto significa transcrever, por meios de artifícios gráficos, as propriedades culturais que lhe são atribuídas. *Uma cultura, ao definir seus objetos, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes e caracterizantes do conteúdo.*²¹

Segundo Ana Maria Mauad,

*compreendidas na sua função sígnica (ou de representação), as imagens são suportes de relações sociais que se processam tanto no plano da significação, como no plano da comunicação dos sentidos compartilhados. Portanto, a definição dos sentidos da imagem não é imanente a esta, mas faz parte de uma dinâmica dialógica que envolve a ação de sujeitos sociais.*²²

²⁰ FERNANDES, Millôr. *Millôr no Pasquim*. "O que é o Pasquim?", crônica publicada no nº 40, 26/03/1970.

²¹ Citado por CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 404.

²² *Revista Tempo*, nº 14, jan./jun. 2003, p. 9-10.

No *Pasquim*, o mundo simbólico se manifestava, sobretudo, como desenho de humor – o cartum, em diversas formas: caricatura, charge, tiras, piadas. Ou ainda, sob a forma de ilustrações que acompanhavam os artigos de texto na composição de suas páginas. Como também, através de seus personagens, os quais, por meio deles, muitas das implicações eram demarcadas. Assim sendo, podemos dizer que os personagens pasquinianos eram símbolos do jornal. O ratinho Sig (Sigmund) – alter/ego de Jaguar, era o principal símbolo do hebdomadário anunciava a visão do jornal, na capa ou antes dos artigos.

Dessa maneira, podemos perceber que as imagens no *Pasquim* acabavam por melhor despistar a censura e a crítica. Através da linguagem metafórica, evitava o confronto direto, contudo, não menos eficaz, ou até mais eficaz que a crítica nua e crua. De acordo com o humorista Luís Fernando Veríssimo [...] *há uma coisa curiosa: sempre o texto foi o alvo mais visado. Os censores pareciam achar o cartum uma coisa infantil e essa conotação tornava mais fácil fazer passar um cartum político do que um texto político.* Finalizando esta idéia podemos citar Jaguar: *se você faz uma figura, não falou nada, mas o desenhista consegue dar uma expressão que o sujeito é um calhorda. Uma palavra é uma palavra.*

6 - O *Pasquim* e os anos 80

Nos anos 80, houve o gradativo esgotamento da linguagem inovadora e pluralista do *Pasquim*, que o caracterizou nos anos 70. Isto estava associado a uma série de problemas de todas as ordens: à apropriação do estilo *Pasquim* pela imprensa industrial, à impossibilidade empresarial de renovação do modo de produção, e, sobretudo, ao progressivo enfraquecimento do pluralismo interno em decorrência dos diversificados interesses e solicitações profissionais, principalmente, políticas. Os anos 80 significaram para o jornal a perda de sua independência.

Cabe ressaltar que em virtude da crescente crise financeira,

o jornal, no final da década de 70, passou a ser suportado pela editora Codecri, ilustrando o inusitado caso em que a matriz, em pouco tempo, de geradora, passou a dependente de sua criação.

No início da década de 80, as discussões sobre a reconstrução democrática misturadas a outras questões como a emergência de movimentos sociais e a revitalização de partidos políticos tomaram as páginas do periódico, bem como nortearam a sociedade da época. Neste novo cenário, *O Pasquim* manteve o seu humor e a agilidade gráfica, aliados a uma contínua crítica à grande imprensa e à televisão, alimentando assim, como salientou Ângela Dias, o *metadiscurso pasquiniano*.²³ Embora, as vicissitudes dos “intelectuais-jornalistas” tenham levado o jornal a uma perda de estilo.

Lembrando Bourdieu²⁴, podemos dizer que diante do impasse entre a invenção da linguagem como aventura intelectual, no trânsito entre o campo literário e artístico, e a urgência da militância público-política, pode ocasionar riscos e injunções de determinados alinhamentos. Esta tensão dentro do jornal foi representada pelas querelas político-ideológicas entre Ziraldo e Jaguar. E como sabemos suas respectivas opções políticas geraram o divisor de águas no *Pasquim*, promovendo a saída do primeiro e a solidão do segundo, até o sepultamento do jornal.

No período das eleições de 1982, houve uma diversidade de falas e de dicções utilizadas pelos colaboradores do *Pasquim* na defesa de suas posições: Ziraldo – PMDB; Jaguar – PDT; Henfil – PT. A vitória do candidato do PDT, Leonel Brizola, ao governo do Estado do Rio de Janeiro, acabou por influenciar a linguagem do periódico, que passou a ser associada à imagem do governa-

²³ A autora Ângela Maria Dias entende como metadiscurso pasquiniano, a característica mais evidente do jornal em se voltar para o próprio estilo, através de editoriais e ou artigos de fundo, buscando justificar as suas deficiências, defendendo-se do *establishment* ou atacando especificamente seus representantes no poder ou na mídia. Ver: DIAS, Angela Maria. *Pasquim - 1980/1991: as vicissitudes de um nanico na década da comunicação mega-empresarial. Comunicação & Política*. Rio de Janeiro: CEBELA, setembro-dezembro/2000, n.s., v. VII, nº 3.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

dor. Com a saída de Ziraldo e de muitos outros, o jornal perdeu aquilo que o distinguia dos outros alternativos, a sua pluralidade.

Ele continuou com sua característica reflexiva, mesmo diante dos reveses dos atentados às bancas de jornal, provocando uma queda nas vendas em 40%, e de sua crescente crise financeira. Mesmo assim, ele manteve uma postura de enfrentamento, reagindo a situação com matérias, cujos os títulos evidenciavam este embate: *Jaguar vai à guerra: PASQUIM não medo de terrorista*.²⁵

A transformação do formato do jornal, em jornalão, no início da década, indicou uma politização do periódico e o seu direcionamento para uma dicção mais séria e menos lúdica em relação ao espaço público. José Luiz Braga ressaltou que a mudança na forma não modificou o jornal em profundidade, já que ele não alterou o seu estilo, permanecendo um jornal de autores, distante da busca da objetividade, característica da grande imprensa.

O retorno ao formato tablóide sublinhou a condição nanica e alternativa do jornal frente à crescente padronização da notícia na grande imprensa, entretanto, não resolveu a crise de identidade então instaurada pela dificuldade de ajuste aos novos tempos.

O papel do jornal como *intelectual orgânico*²⁶ reafirmava-se até mesmo pelo engajamento escancarado de sua própria produção, como nos cartuns humorísticos sobre a política educacional do Governo, que através do desenho *A Última do Juquinha* podemos perceber esta campanha do hebdomadário em prol do PDT e de seu representante.

Descrito assim:

Não é amarrar uma lata no rabo da cachorra, nem botar pó-de-mico no tênis da priminha. A última do Juquinha é curtir ir à escola. Con-

²⁵ Entrevista de Jaguar à *Tribuna da Imprensa* reproduzida no *Pasquim* nº 580.

²⁶ O conceito foi utilizado na estrita acepção gramsciana: "um intelectual que passa fazer parte do partido político de um determinado grupo social confunde-se com os intelectuais orgânicos do próprio grupo, liga-se estreitamente ao grupo, o que não ocorre através da participação na vida estatal senão mediocrementemente". In: GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 14.

tando ninguém acredita. Só indo ao CIEP onde ele estuda. O Juquinha chama o CIEP de Brizolão. Lá ele tem assistência médica e dentária, três refeições diárias, material escolar, faz esportes e ainda por cima se diverte de montão.

O ano de 1988 foi o limite deste processo de alinhamento, visto que em agosto deste ano, o *Pasquim* foi comprado por João Carlos Rabello, empresário e jornalista, disposto a *profissionalizar o jornal e ganhar dinheiro com ele*.²⁷ Este foi um ano caracterizado pela *desconfiguração do projeto*, por diversos motivos. Desde o número 969, de onze de fevereiro ocorria uma irregularidade periodística, entre edições quinzenais, sazonais e recuperações semanais.²⁸

É importante ressaltar que Jaguar esteve presente até o último número do jornal, mesmo com toda adversidade, ele continuou defendendo-o. Através de um editorial, criticou uma matéria da grande imprensa que anunciava o *enterro do Pasquim: Sig, o único rato com sete fôlegos, vai bem, obrigado. E puto da vida. Estamos falando da matéria que saiu sábado passado no suplemento Cidade do JB, que inaugurou um novo tipo de jornalismo: a matéria catástrofe*.²⁹ A matéria desmentiu informações inverídicas, mas depois, confirmou a mudança de rumos significativa pela qual passaria o jornal. No final do editorial afirmou:

A única coisa que o Marceu deu certo – apesar de eu ter pedido pra não publicar, era em off – é que, a partir de agora o jornal se desatrelava do PDT ou qualquer outro partido. Furo! (...). E ainda

²⁷ DIAS, A. M., op. cit., p.179.

²⁸ O cronograma deste período (1988) ficou assim: no número 970, o jornal continuou a ser semanal, o que se manteve nos meses de março e abril. De maio a agosto, o jornal saiu quinzenalmente. Em setembro, apenas um número é editado. Em outubro, o jornal volta a ser quinzenal e, por fim, em novembro, o *Pasquim* voltou a ser editado semanalmente. Por outro lado, desde o número 978 (31 de maio), o jornal perdeu seus encartes de domingo nos diversos jornais estaduais já mencionados, e também a edição regional do Rio Grande do Sul. Visto que a edição regional de São Paulo havia desaparecido desde setembro de 1987.

²⁹ Editorial de Jaguar no *Pasquim* nº 977, de 06/05/1988.

acrescentou: *Preparem-se para grandes novidades no novo Pasquim que vem aí. Como o segredo é a alma do negócio, cala-te boca. Só posso adiantar uma coisa: voltamos à velha metralhadora giratória. Sai de baixo!*

Devemos ter em mente que se de um lado, a atuação orgânica do jornal junto ao PDT, durante todo este período, foi justificada pela necessidade de contrapor-se à grande imprensa e ao PMDB; de outro, o editorial citado, aludiu à *volta da velha metralhadora giratória*, o que não deixava de ser uma forma velada, mas efetiva de reconhecer o quanto o alinhamento em questão obstaculizou a crítica.

O periódico passou por uma mudança radical. E quem a anunciou, foi exatamente aquele que estava ameaçado de morte, Sig sorrindo e de braços abertos declarou: *Este é o último número do Pasquim!*, continuou sua fala explicando: *Antes da Nova Fase*.³⁰ Números depois, o jornalista e empresário João Carlos Rabello declarou:

*Por que comprei o Pasquim?. Comprei o Pasquim porque acredito que é uma publicação absolutamente viável e dá para ganhar algum dinheiro. Não vai ser muito, mas pelo menos dará para pagar os fornecedores e os salários dos colaboradores. (...) Como disse, não sou herói, nem mártir. Quero ganhar dinheiro, mas dentro da minha fachada de empresário, bate um coração de jornalista que entre os seus orgulhos está o fato de incluir no currículo a condição de ex-colaborador do Pasquim.*³¹

Este mesmo número trouxe um artigo da Lawel Consultoria e Acessoria de Comunicação expondo: *Por que vamos editar o Pasquim?*, onde traçou um perfil pragmático e profissional para o jornal: *Nem curriola, nem linha política definida. [...] somos profissionais e o Pasquim é um desafio como outro qualquer. E com*

³⁰ Capa do *Pasquim* nº 984, de 31/08/1988.

³¹ RABELLO, João Carlos. *Pasquim* nº 986, de 13/10/1988.

*chance de dar certo, o que é bom para o leitor, para o anunciante, para os donos e para nós.*³²

E, por fim trouxe um artigo de Jaguar justificando: *Por que continuo no Pasquim?*, onde ele destacava a modernização salvadora como arma que revigoraria o jornal, contudo, isto pôs em contradição os valores pasquinianos. Visto que o endosso deste novo modo de produção estava comprometido com outros valores, a rentabilidade e a eficiência, que por sua vez negavam todas as marcas do *Pasquim*: a patota, a pluralidade, a pessoalidade, a independência, o subjetivismo e a característica crítica. Dessa forma, o *Pasquim* foi sendo absorvido progressivamente pela indústria cultural.

Em 1989, o semanário³³ comemorou o seu número 1000 e os seus vinte anos. Neste contexto houve um reconhecimento público da relevância do jornal e da perseverança de seu editor, que o manteve até o momento. Por iniciativa de Sérgio Cabral, Jaguar recebeu a medalha Pedro Ernesto, *a maior contribuição do Legislativo carioca, dada aos que se destacaram na comunicação brasileira*³⁴.

Em 1990, na grotesca era Collor, o periódico³⁵ fez uma fotomontagem com o presidente, numa expressão de ódio, com um bigodinho a la Hitler e uma legenda com as seguintes frases: *Votaram nelle? Fodam-se!*³⁶ Neste sentido, o jornal manteve a característica mais eficiente do humor republicano, representando cenas da política e governantes de forma jocosa. É interessante salientar que *O Pasquim* não deixou de carnavalizar o cotidiano da política, mesmo tendo perdido suas especificidades.

Podemos dizer que a última comemoração do *Pasquim*, foi num ritmo totalmente carioca, e bem a cara do jornal, ou seja, com muita festa e personalidade. Em fevereiro, Sérgio Cabral, que

³² RABELO, J. C., op. cit.

³³ No primeiro semestre deste ano, o jornal ainda era semanal, à exceção de maio, que teve 3 edições; mas, a partir de julho passou a ser quinzenal.

³⁴ DIAS, Â. M., op. cit., p. 189.

³⁵ Neste ano o *Pasquim* foi editado duas vezes ao mês, com exceção de agosto que teve 3 edições.

³⁶ Capa do *Pasquim* nº 1032, de 12/01/1990.

estava escrevendo esporadicamente para o periódico, anunciou:

Com que, então o nosso Pasquim é tema de enredo da Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz no carnaval deste ano. Sabe com quem está falando? Pode dar uma olhada na imprensa brasileira – na Folha de São Paulo, na TV-Globo, no Jornal do Brasil, na Veja – para verificar que, pela primeira vez um chamado veículo de comunicação recebeu tal homenagem.³⁷

Apesar da homenagem, *O Pasquim*, durante todo ano de 1990, não se recuperou do impacto dos novos tempos, o que levou à carnavalização do próprio jornal. A crescente descaracterização ficou notória pelas entrevistas com personalidades absolutamente antipasquinianas, tais como: Enoli Lara, Valéria Saião, Serguei, Georgina Guinle, entre outras; e pelas capas, que embora aparecesse um lema ou outro irreverente com crítico social: *Só os trens alegria funcionam no Brasil*; elas estavam apelando com insistência para a *exposição de moças peitudas, seminuas, com risos bobos e poses meramente sexuais*, insossas na alusão inconvincente à antológica mistura humorística entre política e sexo, marca registrada do *hebdô*, em outros tempos.³⁸

No último ano do jornal³⁹, 1991, apareceu nas suas páginas um forte apelo sexual e um tom de deboche banal. *O Pasquim* perdeu o tom da crítica social. Segundo Angela Dias, o início dos anos 90 e a deterioração política da era Collor foram o portal da dissolvência pós-moderna do espaço público no fluxo eletrônico-midiático de imagens incessantes sob a absoluta hegemonia da “moderna metafísica do dinheiro”.

Seja como for, o próprio esgotamento do *Pasquim* e sua crescente descaracterização com a presença maciça de um apelo sexual conjugado ao aspecto mercantil, após vinte e dois anos⁴⁰,

³⁷ CABRAL, Sérgio. *O Pasquim* nº 1035, dse 23/02/1990.

³⁸ DIAS, Â. M., op. cit., p. 193.

³⁹ De janeiro a abril, o jornal saiu quinzenalmente; e de maio a outubro passou a ser mensal.

⁴⁰ O último número do *Pasquim* (1072) saiu às bancas na semana de 22 de outubro a 5 de novembro de 1991.

podem ser pensados no âmbito mais geral deste amplo processo de mutação cultural gerado pela globalização. E o discurso pasquiniano não conseguiu se reciclar, mostrando-se cada vez mais padronizado e absorvido por esta cultura de massa. Portanto, a temporalidade do *Pasquim* rompeu sim, o ciclo alternativo, relacionado à existência de um regime autoritário e cerceador, contudo, isto não quer dizer que sua linguagem tenha permanecido a mesma de outrora. Principalmente, porque ela perdeu seu sentido de ser, enquanto voz de oposição e resistência, e passou a dialogar dentro do sistema, do qual tinha sido contra.